

Coincidência incrível

VILÉM FLUSSER

Quando abro o rádio, jorram anúncios; quando abro a torneira, jorra água. Se amanhã a torneira jorrasse anúncios, a minha reação seria de surpresa. Vivo em expectativa constante: espero constantemente que torneiras jorrem água, pura água, toda a água, e nada mais que água. Essa minha expectativa não é confirmada pela experiência que meus sentidos fornecem. Torneiras jorram água, ou pouca água, ou nada. Mas a evidência dos meus sentidos não destrói a minha fé nas torneiras. Provoca pelo contrário, uma série de hipóteses apoloéticas que fortalecem a minha fé nas torneiras. Explicam o comportamento das torneiras por fatores externos, como a hipótese da falta de chuva, ou a hipótese da falha do encanamento, ou a hipótese da culpa da municipalidade. Essas hipóteses provam que, eliminados os fatores externos, torneiras jorram água. A evidência dos meus sentidos, embora "prima facie" contrária à minha fé nas torneiras, fortalece, em vez de enfraquecer, a minha expectativa de água. Pois a falta de confirmação do caráter da fé é uma esperança que transforma a evidência contrária em prova. Mas o caso da torneira jorradora de anúncios seria diferente. Seria não o inesperado, mas o inesperável. Causaria surpresa. Poderia superar essa surpresa com hipóteses adequadas. Pela hipótese da amnésia, ou pela hipótese do rádio portátil escondido na torneira, por exemplo. Mas, por um instante, pelo menos, a minha fé flexa abalada.

Caso como o da torneira jorradora de anúncios ocorrem antigamente eram chamados milagres. Hipóteses ouvidas reintegram os milagres no tecido da fé, a qual continuava fortalecida por eles. "Das Wunder ist des Glaubens schoenstes Kind" (o milagre é o filho mais belo da fé) diz Goethe. Tão forte era a fé, que os antigos esperavam pelo inesperável, pelo milagre. Atualmente, embora continuem ocorrendo casos surpreendentes, não ocorrem milagres. Desenvolvemos um mecanismo que sufoca automaticamente as surpresas. É o mecanismo do "faz de conta". Quando algo inesperável ocorre, fazemos de conta que era esperado. É graças a este mecanismo que nada nos surpreende. Tudo é corriqueiro. Torneiras jorradoras de anúncios: nada mais corriqueiro, nada mais banal que isto que ocorram. O choque de surpresa que causarão não passará de vestígio de uma ingenuidade superada. A tese do presente artigo será a de que este nosso mecanismo é sintoma de fé profunda. Que somos

uma época que espera por milagres. E que a nossa fé na torneira é parte da nossa fé fundamental na tecnologia. De uma esperança, portanto, que é fortalecida por evidências contrárias, e que cresce com torneiras jorradoras de anúncios, com milagres, portanto.

Se digo: "Amanhã nascerá, em vez do sol, um queijo de Minas para iluminar a Terra", terei dito um absurdo. Mas se digo: "Ontem nasceu um queijo de Minas e iluminou a Terra", e se milhares confirmarem esta minha observação, terei articulado uma banalidade. É óbvio que o queijo de Minas nasceu. As teorias astronômicas esperavam pelo nascer do Sol, mas essas teorias são apenas sistemas hipotéticos incompletos. Comportam uma reformulação progressiva. Se reformuladas à luz dos acontecimentos de ontem, provam essas teorias que o nascer do queijo de Minas era um acontecimento necessário, ou, pelo menos, altamente provável. O queijo de Minas, longe de abalar a astronomia, prova, pelo contrário, a eficiência do método científico como captação da realidade. Todo fenômeno novo se enquadra nesse método por simples modificação da teoria. Esta é, a meu ver, a forma como funciona a fé na atualidade.

A fé na coincidência do pensamento de um determinado tipo com o mundo que nos cerca. O primeiro artigo dessa fé reza: "O pensamento lógico coincide com a realidade". O segundo artigo reza: "A expressão mais perfeita do pensamento lógico são os enunciados da matemática pura". O credo conclui: "A realidade tem a estrutura da matemática pura". Isto não é, como parece, racionalismo puro. A tecnologia prova, empiricamente, que a nossa fé é a fé verdadeira. As nossas máquinas e os nossos instrumentos são fé aplicada, são "obras" no significado teológico do termo. E as nossas máquinas e instrumentos funcionam. Provam a nossa fé empiricamente. Funcionam como funciona, por exemplo, a torneira. Jorram água e isto prova que a nossa fé é verdadeira. Ou jorram anúncios, e isto prova, de maneira conclusiva, que a nossa fé é verdadeira. A nossa fé tem um aspecto racional e um aspecto empírico: é uma fé completa.

A coincidência entre pensamento lógico e realidade é incrível. Não pode ser acreditada. A nossa vivência do mundo é a desmente a todo passo. No entanto, a nossa fé aceita essa coincidência como fato indubitável. É uma fé autêntica,

porque cre "quia absurdum". Mas ao dizer que a coincidência é incrível, coloquei o presente argumento em terreno estranho à fé da atualidade. A "nossa" fé não é a fé do presente argumento. Como consegue essa ironia? Evidentemente porque a nossa fé permite, em seu estágio atual, que seja abandonada. Abriu fendas. Por uma dessas fendas escapou-lhe o presente argumento. Uma fé que abre fendas é uma moradia incômoda e perigosa. É incômodo, porque ventos gélidos invadem os seus aposentos e fazem tremer os que nela se abrigam. É perigosa, porque ameaça ruir e soterrar os habitantes em sua ruína. Duas são as possibilidades que uma situação destas oferece: procurar fechar as fendas ou procurar construir uma fé nova. Com efeito, é o que estamos fazendo todos. E, como somos seres confusos, estamos tentando as duas possibilidades simultaneamente. A mente humana é construída assim: não pode existir desabrigada. As tentativas de reconstrução e as de construção nova têm uma coisa em comum: procuram ambas descobrir os fundamentos do edifício ameaçado. É a pergunta: "Como surgiu a fé da qual todos participamos ainda, embora precariamente?"

Jaspers publicou em 1964 um livro que muito bem poderá ser o seu último: "Nikolaus Cusanus". É uma análise existencial desse pensador que se coloca entre a Idade Média e Moderna (1401-1464). Obviamente Jaspers procura descobrir um dos fundamentos da fé moderna. Não pretendo seguir-lhe os passos na análise do livro mencionado. Chamarei, no entanto, a atenção dos leitores para um conceito fundamental do Cusano: "coincidentia oppositorum". A coincidência pressupõe uma oposição, e essa oposição é o fundamento do pensamento moderno. É uma cosmovisão inteiramente diferente da medieval a moderna. Houve, no Renascimento, uma virada fática, pela qual o homem se colocou em oposição ao mundo. O homem tornou-se "sujeito" e o mundo seu "objeto". Desde então, o homem encara o mundo. É portanto absolutamente necessário que haja coincidência entre homem e mundo, por incrível que seja. Do contrário, seria o homem um ser totalmente alienado. Esta é, em resumo, a "explicação histórica" da nossa fé periclitante.

Em virtude da virada contra o mundo tornou-se o homem, na palavra do Cusano, o "segundo Deus". Ainda havia um primeiro. No Cusano, a fé medieval em Deus ainda se confundia com a fé moderna. Mas já

em Descartes essa fé medieval empaldecia. A função do primeiro Deus era a de ajudar o segundo Deus a estabelecer a coincidência incrível entre ele e o mundo. E graças ao "concursum Dei", que o pensamento humano se adequa às coisas extensas. A fé moderna conseguiu, mais tarde, superar essa noção palida do primeiro Deus. Transferiu-se para a coincidência mesma. Tanto racionalistas como empiristas colaboraram nessa transferência que, com efeito, o endeusamento do pensamento humano de um tipo determinado. Se, no curso do pensamento moderno, a noção de Deus parece acompanhar parte do argumento filosófico, é, no entanto, uma noção organicamente diversa. O pensamento moderno pode passar, perfeitamente, sem essa hipótese de Deus. Dispõe de inúmeras outras. Mas da coincidência entre pensamento e mundo não pode passar, e esta não é hipótese, mas artigo de fé. "Credo in coincidentiam unam". A consequência deste tipo de fé é a tecnologia. Os nossos instrumentos estão, contudo, em germe, já no projeto do Cusano. Os instrumentos são pro-

ditos da oposição entre homem e mundo. Surgiram pela graça da coincidência entre ambos. Por coincidir o pensamento lógico com o mundo extenso, surgem instrumentos. Instrumentos são obras da graça. E' pelos instrumentos que o homem se integra na totalidade da graça. E' por eles que se "realiza". O mundo dos instrumentos que nos cerca testemunha a procura da graça da humanidade moderna. A torneira é o equivalente do ídolo de épocas passadas. Ídolos podem ser vorazes. O Moloch devora os fiéis que o adoram. Isto prova que funciona. Confirma e fortalece a fé dos fiéis, portanto. A bomba H fortalece a fé moderna. De certa forma prova, ao destruir, a humanidade, que o homem é Deus. Não é por este aspecto ético da tecnologia que a nossa fé periclitada. Os que pensam assim, estão enganados. A razão é outra. Está no próprio fundo da nossa fé na coincidência incrível. Não acreditamos mais tão firmemente que os nossos pensamentos lógicos coincidem com a "realidade". Não o acreditamos mais tão

firmente, a despeito de evidências tão palpáveis como o é a bomba H (ou a torneira), porque somos incapazes de sofrer a vivência da graça nos instrumentos. Não nos realizamos mais nos instrumentos. Já nos causam tédio e nojo. Não nos causam mais admiração e medo, e, se o fazem, fazem-no de forma tediosa. E', com efeito, um círculo o pensamento moderno, um círculo que se fecha atualmente. O círculo se abre com a oposição entre homem e mundo, e fecha-se ao começarmos a perceber que ambos não coincidem. E' que, com efeito, a coincidência é incrível. Essa sensação que os instrumentos nos causam é talvez o sintoma do despertar de um novo senso de realidade. Começamos a perceber que a realidade, com a qual o pensamento supostamente coincide, não é mais a nossa realidade. Trata-se de um novo tipo de dúvida que surge. Uma dúvida equivalente à cartesiana, talvez, mas com intenção inversa. E' a tentativa de superar a oposição que, a dúvida cartesiana estabelece. A tentativa de reintegração, portan-

to. E' cedo ainda querer articulá-la rigorosamente. A arte moderna e a filosofia da língua (por serem análises do pensamento e da realidade), são as primeiras tentativas de articulação. Ainda participamos todos, com a grande maioria dos nossos pensamentos e atos, da fé moderna. Ainda acreditamos todos na torneira. Weizsaecker cita, num livro recente ("Die Tragweite der Wissenschaft" — "O âmbito da ciência"), o seguinte exemplo: um autor de livro antitecnológico telefona ao seu editor para saber do manuscrito. O exemplo é significativo. Exemplifica a fé do autor na tecnologia (telefone), e exemplifica a tentativa de superá-la (livro). A transição na qual estamos é um processo difícil, penoso e cheio de contradições internas. Não era outra, no entanto, a situação dos pré-renascentistas. Jaspers é talvez o nosso Cusano. Ao tornar incrível a coincidência entre pensamento e realidade, tornará talvez crível, ele e os que lhe seguirão os passos, uma realidade nova. A esta fé está dedicado o presente artigo.